

# O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

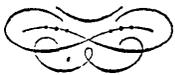
Condições da assignatura (sem brinde)		Editor e administrador	Condições da assignatura (com brinde)	
Por anno (Portugal e Hespanha)	800 reis	JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA	Por anno (Portugal e Hespanha)	1\$000 reis
Provincias ultramarinas, e União geral dos correios	1\$100 »	Redactor	Provincias ultramarinas, e União geral dos correios	1\$600 »
India, China e America.	1\$280 »	A. PEIXOTO DO AMARAL	Numero avulso	100 »
		Typ. de J. F. Fonseca—Pizarra, 74		



## SUMMARIO

*Devoção a Maria* — SECÇÃO DOCTRINAL: *Os Centros Nacionaes*, pelo snr. A. Peixoto do Amaral; *Allocação pronunciada por occasião da abertura das aulas no seminario lyceu de Cabo Verde*; *Voltarão os Frades?* por um catholico. — SECÇÃO CIVICA: *Socialismo, christianismo e catholicismo*, pelo snr. A. S. Ferreira. — SECÇÃO HISTORICA: *Convento e freguezia de Mancellos*, pelo rev. Padre José Victorino Pinto de Carvalho. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: *A Imitação de Christo*, pelo mesmo snr. SECÇÃO LITTERARIA: *Deus*, pelo snr. A.; *Crentes e descrentes*, pelo snr. A. Peixoto do Amaral. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *O baptismo de Jesus Christo*; *O sacrificio de Abrahão*.

**Gravuras:** *O baptismo de Jesus Christo*; *O sacrificio de Abrahão*.



O baptismo de Jesus Christo



## DEVOÇÃO A MARIA

*Mãe de Deus e Mãe dos homens*

*Pensae em Maria.*—Maria a tal ponto amou o mundo que deu por elle o seu Filho unigenito (S. Boav.) Grande foi a misericordia de Maria para com os miseraveis, quando estava exilada na terra; mas muito maior é agora que reina no céo (id.) Se não interviessem as preces de minha Mãe, não haveria esperança de misericordia (Rev. S. Brig).

*Invocae a Maria.*—Ave Mãe de misericordia; louvavel sem recommendação, amavel sem exhortação, veneravel sem retribuição! (Pedro Cellense).

*Alegrae a Maria.*—Imitando a sua caridade e a sua misericordia: «Não ha nada que concilie mais a benevolencia de Maria, que a misericordia». (S. Greg. Nazian.) *Fugindo* dos detractores da Igreja e do Romano Pontífice, e orando *humildemente por elles. Os filhos de Maria, devem ser seus imitadores.*

## SECÇÃO DOUTRINAL

### Os Centros nacionaes

**C**ONSTA que estão muito adeantados os trabalhos para a installação d'estes centros. Mas nada ha resolvido, pedindo-se, pelo contrario, com o maximo empenho a todas as pessoas religiosas, que não tratem nada, relativamente a trabalhos eleitoraes, nem acceitem indicações do governo, senão depois de terem recebido ordens terminantes de Lisboa.

E' isto o que se diz, é isto o que se lê nos jornaes catholicos de Lisboa e Porto.

Ora, estando todos os catholicos anciosos por seguirem vida nova; sentindo-se feridos pela odiosa guerra que os jornaes sectarios teem feito á religião de Jesus Christo, querem formar o *centro nacional* definitivo para que de futuro não estejam sejeitos a verem a repetição dos insultos feitos ás suas crenças... mas, como estão á mercê, *das ordens superiores que, a todo o momento, se esperam de Lisboa,* nada podem fazer.

E demorar-se-ha muito era resolução? Haverá ainda muitas conferencias entre os magnates que querem ou não querem a chefia? Mas o tempo urge, meus senhores. Esperem pelas eleições para darem as taes ordens superiores, e verão depois as consequencias.

Porque será que os prelados se calam, esperando por factos que podem vir a dificultar o movimento catholico?

Sabemos que ha parochos que teem já muito adeantados os trabalhos locais. Aqui no Porto está tudo a postos, prompta a iniciar-se a grande campanha catholica. O exercito esta portanto prestes a entrar em campanha. Porque se espera, pois? Pelo general commandante?

Mas, por Deus, aviem-se, meus senhores. Não queiram ver perdidos todos os trabalhos, nem desperdiçada esta occasião, pois que, estando ainda vertendo sangue os ferimentos recebidos, e sendo azada, como poucas esta occasião, não queiram perder tudo, porque difficilmente se levantarão.

Ainda era tempo de se conseguir o *desideratum* almejado. Se esperam, porém, pelas eleições, nada se consegue, e é pena, porque se tinha obtido um resultado invejavel.

A. PEIXOTO DO AMARAL.

## Seminario de Cabo Verde

Do nosso presadissimo amigo, o exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. Dr. Francisco Ferreira da Silva, dignissimo governador do bispado de Cabo Verde recebemos e agradecemos o discurso pronunciado por occasião da abertura das aulas do respectivo seminario no anno lectivo de 1900-1901. Começamos hoje a publicar no *Progresso Catholico* esse eloquente discurso, em que se patenteam o zelo dos regentes e professores e o aproveitamento dos alumnos.

### Allocução pronunciada por occasião da abertura das aulas do seminario lyceu de Cabo Verde, no anno lectivo de 1900 a 1901

Conforme a praxe estabelecida, cabe-nos o dever de fazer no dia de hoje a solemne abertura das aulas deste seminario Lyceu. O qualificativo de solemne abertura representa bem quanto importa considerar este acto para os trabalhos que se iniciam e para as consequencias que é dado esperar.

Ha mais de trinta annos que este instituto labuta sem cessar para cumprir o fim da sua criação, bem mingua-do em recursos e não poucas vezes esterilizados no seu fim primordial. E não tem faltado vontades decididas, nem impulsos dedicados, que apostados, como

que á compita, bradaram ao paralytico—levanta-te e caminha. E esta voz que por mais de uma vez teve o seu brado, em forma bem solemne e auctorizada, por occasião do acto que hoje celebramos, é ainda a mesma que n'este momento se faz ouvir, para não deixarmos de offerecer, de boa vontade, a mão ao paralytico para que ande e caminhe. Nenhuma tem sido e é mais debil do que a minha, mas dedicadamente a offereço para ajudar a obra benemerita que a todos cumpre realisar. E nunca esta obra foi mais necessaria, e nunca os supremos esforços se impozeram com mais energia do que n'este momento, adeantado já para a historia d'este instituto, reclamados instantemente pelas condições moraes e religiosas d'esta provincia e diocese.

Ha horas de calar e ha horas de falar, se bem que é difficil determinar a oportunidade do silencio ou a do uso da palavra. Mas, se não chegou ainda o momento de falar para um instituto que conta já tão largos annos d'existencia, vós direis quando é vindo esse instante, para que, esta dilecta instituição da Igreja, patrocinada pelo estado e pela bulla, estabelecida n'este logar por uma serie de razões bem palpaveis, impondo-se por officios bem significativos, auctorisando-se pela sua significação moral, defrontando-se com tantas difficuldades, que por vezes a teem entibiado e como que tornado receosa da fecundidade da sua acção e mais que tudo do exito da sua missão, repito, se não chegou ainda o momento de falar ou nunca esse momento chegará ou é este dia o mais azado de todos para que as nossas vozes se reunam em um só pensamento e escrevam uma pagina que, em cores bem vivas, deixem ver o escabroso percurso já andado e o não menos escabroso caminho que temos a trilhar no Exercício das nossas funcções.

Estou certo, senhores, que todos vós, que aqui estaes reunidos tendes, como eu o mesmo empenho em que este instituto brilhe pelos seus triumphos, se reccommende pela sua acção, se desafrente das difficuldades, vencendo-as, se levante resolutamente, intemerato e entre pelo seculo, a começar, como o portavo-voz que diga o que tem feito e annuncie o que resta fazer. E não nos arreceemos, nem dentro d'este recinto, nem em parte alguma de tornar bem patente o muito que já está feito e o muito mais que se torna necessario fazer, e é mesmo urgente que se faça, ainda que ponderadas as contrariedades de toda a ordem que, como muralha insuperavel, se levantam deante de nossos passos, se antepoem a uma boa parte dos nossos esforços.

Não está em nossa mão vencer tudo de uma só vez, nem é dado a nenhum homem pensar que, em tempo relativamente estreito, desatará todos os obstáculos, mórmente, quando a sua acção tem de exercer-se, dentro do campo moral, lutando pela implantação de principios que hão de ser o fundamento, a base, o seguro alicerce da ordem moral e religiosa, questões primordiais para o presente de cada homem e futuro de cada geração. Nem outro deve ser o nosso fim, nem objecto diverso deve dominar o nosso pensamento.

Se a indiferença letargia os animos e os motivos, segundo tornam o homem preza de paixões e intuitos que o desviam para o campo escalavrado das pugnas inglorias, fazendo-o mergulhar no rescaldo do que a iniquidade pôde accumular, outro deve ser o nosso lema, que, como o dos homens superiores, pela força da sua vontade e inteireza do seu caracter, os faz irromper prudentemente, mas firmemente, pela vereda que se abre diante dos seus passos, á falta de terreno largo, amplo, bem preparado em que, esbracejando á vontade e semeando em abundancia, possam fazer farta colheita, para emcherem o celeiro que, a mãos largas distribuem pelos que esperam da sua dedicação e esmerado empenho o fructo de perseverantes e custosos trabalhos.

E nem outro tem sido o pensamento d'este instituto que pela indole da sua natureza acaricia os que a elle se acolhem, como em berço que acalenta para os combates da vida. Mas não nos illudamos, nem por um momento sequer, imaginemos que o caminho percorrido é juncado de flores e que nos espaços tem entoado os hosannas e os louvores ou que a obra já realisada no meio de tantas contrariedades, formará como que uma corôa que o engrinalde á similhaça dos antigos guerreiros, perante os quaes todos se desviavam para lhes dar passagem. Não muito ao contrario d'isso. E, emtanto, ahi estão patentes os resultados, bem apreciaveis pelo que respeita ao estado civil, pois uma boa parte dos que por ahi mourejam o pão de cada dia, pelos escaninhos da burocracia, nas cadeiras de instrucção primaria, bastantes ao balcão do commerciante ou nas lides do lavrador ou da vida maritima, e não pouco, nas fileiras do exercito ultramarino com postos já elevados aqui se prepararam e se provisionaram de ensino e conhecimentos que lhes deram ingresso nas diversas carreiras da vida civil, tendo até os resultados n'este sentido ido muito alem do que era para desejar. E é muito de proposito e intencionalmente que digo, que pelo que respeita a alumnos internos d'este seminario para vida civil foi o resultado muito alem do que era para

desejar, não emquanto áquelles que com mesada maior ou menor se instruíam para a vida civil, mas relativamente aos que, admittidos na qualidade de gratuitos, eram recebidos com destino á vida ecclesiastica, desertavam d'esta carreira, visto não ser compativel, nem com a sua indole, abraçar uma vida que impunha sacrificios, e grandes n'um meio em que todas as posições tem apañagio, só a vida sacerdotal se encontra desamparada, carecendo o padre de ser um verdadeiro apóstolo para que ao sahir do seminario não se veja, em breve tempo, absorvido pelas circumstancias do meio que o estranha, pela transformação porque passou, em largos annos de preparação, para o enlevar como o arbusto que se vae apossando das paredes do edificio até o fender e arruinar de todo.

Não tem duvida que são bem patentes os resultados d'este seminario, relativamente aos alumnos internos com destino á vida civil. Mas é preciso que se repita o que de todos é conhecido, que para muitos d'esta classe de alumnos teve a administração do seminario, desde o seu principio, de desviar uma parte dos seus recursos, indo aproximadamente a verba com que os subsidiou a seis contos de reis, differença que vae das mesadas de 9\$000 reis para o que pagaram a menos d'esta pensão mensal, para as suas despesas de alimentação e outras com que o seminario foi sobrecarregado. São eloquentes estes numeros, sem falar das dividas por mesadas, que sobem a alguns centos de mil reis, para se ficar sabendo quanto tem custado ao seminario uma maior concorrência de alumnos, e caso é para se assignalar que tão magros recursos eram mesmo aproveitados por quem não tinha carencia de meios para occorrer á diminuta despesa annual a que cada alumno é obrigado. O que o seminario dispendeu nem foi dado nem agradecido; o que perdeu foi muito, e que grande falta lhe fez para o seu desenvolvimento, alem de outras consequencias que logo apontarei. Circumstancia é, pois, para notar que devendo sahir das mesadas algum proveito para melhoramentos, de que o seminario sempre andou carecido, era este que tinha de contribuir com larga pensão, á custa da qual um bom numero fez os seus estudos para a vida civil.

Não imagineis, meus senhores, que vae n'isto descabida apreciação; muito pelo contrario, convem accentuar quanto pôde a força do meio, que mal avaliando a natureza e os recursos d'esta instituição, bem se empenhava para os aproveitar, servindo-se de influencia a que nem sempre é possível resistir. Seja como fôr, temos de apontar o facto para que fique consignado o servi-

ço, por este instituto, prestado aos que n'elle procuraram a instrucção para vida civil, ou fossem largamente subsidiados, ou pagassem apenas a mesada nove mil reis, com encargos bem pesados para a administração do seminario. Comprehende-se, desde já, como era necessario modificar este estado de coisas, afim de evitar maiores desfalques na parte economica.

Mas, se economicamente esta classe de alumnos não foi vantajosa para o seminario, muito menos o tem sido, considerando o fim primario da sua instituição.

A ninguem pôde ser indifferente a concorrência de alumnos á frequencia dos estudos preparatorios, e até pela minha parte muito tenho desejado que affluissem de todos os logares, porque, alem de se ir ministrando a instrucção a maior numero, melhor se poderia fazer a escolha dos que se destinassem á vida ecclesiastica e que, ou se dispozessem as coisas para que as duas classes formassem comunidades á parte, ou os alumnos em determinadas condições de idade e procedencia, frequentassem como externos. Do modo como as coisas tem estado, transigiu-se até onde foi possível, sem que o mal fosse todo evitado, recusando-se, entretanto, a entrada a alguns que pela idade não podiam ser admittidos, como internos, e negando-se tambem a readmissão a outros que se mostraram incompativeis com a disciplina interna.

Este instituto, foi creado para a educação do clero que devia servir a diocese, podendo as aulas estabelecidas ser frequentadas pelos alumnos que nellas se quizesem instruir para o exercicio das carreiras civis. Para auxiliar a educação do clero estabeleceram o governo e a bulla subsidios, afim de ser admittido um certo numero de alumnos gratuitos, que pela sua capacidade e vocação podessem vir a ordenar-se de presbytero. Boa medida foi esta, mas n'esta classe abre-se uma lacuna, que, se não é um argumento inteiramente negativo, lança fundadas apprehensões no espirito, pelo quanto tem deixado a desejar em resultado e pelo muito que se recommenda á nossa attenção, para tomarmos todas as prevenções e cautelas que tão importante assumpto reclama.

Não se preocupará o espirito vulgar com este estado de coisas, mas é nosso dever medir o alcance de nossos passos e prevenir o que fôr possível, porque tambem ninguem é obrigado a mais.

Desde muito que medidas a proposito veem sendo inculcadas pela força das circumstancias, que, estudadas na sua significação põem nitida e claramente a questão no seu verdadeiro pé.

E' incontestavel que as vocações para

o estado ecclesiastico rarearam, mesmo nos centros de verdadeira vida religiosa, e até certo tempo houve um grande desequilíbrio entre o numero dos concorrentes ao sacerdocio e as baixas que este ia tendo pelo fallecimento e impossibilidade physica dos membros da classe. Particulares cuidados e medidas especiaes fizeram com que a concorrência aos nossos seminarios se tenha tornado cada vez maior e alguns ha que não podem admittir todos os pretendentes por falta de logar.

Note-se que me refiro á concorrência que paga as mesadas estipuladas e não á de gratuitos, que para estes não haveria seminarios que chegassem.

E' consolador este estado tanto mais que todos os seminarios, ha annos a esta parte, tem feito quanto está ao seu alcance, para educarem um clero digno da missão que tem a desempenhar.

Mas, se este seminario tem acompanhado os seus congeneres no desenvolvimento dos estudos, excedendo-os a todos nos meios praticos de ensino, pela valiosa aquisição dos seus gabinetes de physica e chimica, importantes collecções de mappas e esferas para o ensino das sciencias naturaes, da geographia geral e das colonias, com uma escola modelo de instrucção primaria, já não aconteceu assim, nem assim podia acontecer pelo que respeita á concorrência de alumnos, com destino á vida ecclesiastica.

Faltava a base que era educação religiosa. D'aqui a media annual de alumnos, reduzida aos que gratuitamente podiam ser admittidos e pouquissimos, não excedendo a dois os que alguma coisa pagaram para as despesas de alimentação e se ordenaram, não falando de um do reino que foi porcionista em todo o tempo dos estudos e que apenas veio para aqui com o fim de se ordenar e se retirou sem prestar qualquer serviço á diocese. Demorando-se no seminario uns mais outros menos deve ir o numero de admissões feitas, d'entre alumnos da diocese a 80, não contando os que actualmente existem, que foram admittidos como gratuitos, com um resultado negativo para o numero de ordenações que é uma verdadeira decepção. Nem outra coisa era de esperar, dada a circumstancia já ponderada.

E como não devia ser assim, se os admittidos não faziam nenhum noviciado, nenhuma prova nem de disposição nem de capacidade tinha dado e tambem vinham as influencias estranhas trazer pela mão os pretendentes, que á fé de quem eram, juravam que os recommendados tinham muita vocação para vida ecclesiastica.

E n'estas condições abundavam sempre os pretendentes. Os signaes eram

negativos, começando pelo principio inicial. Nunca tinham ido á missa, nunca se tinham confessado, d'alguns diziam as certidões que tinham sido baptisados na vespera de entrarem para o seminario, e até houve um pretendente que foi baptisado no mesmo dia em que entrou no seminario. Já se vê que tinha grande vocação para o estudo ecclesiastico.

Na camarata é que este sentir se manifestava. Diziam uns em voz baixa outros aos para que todos ouvissem; que o que queriam, era instruir-se. E conseguido isto acabava a vocação que nunca existiu, nem podia existir.

Um verdadeiro descalabro, uma serie negativa!

Regulou o numero de admissões por 100, incluindo os alumnos do reino, sem contar os que actualmente existem no seminario. Contando, por periodos de onze annos que se ordenaram de presbytero, temos no primeiro periodo, 1866 a 1877, doze presbyteros, sendo dez que do reino vieram, como nucleo do seminario, com os estudos preparatorios mais ou menos adeantados, outros a concluir os estudos theologicos, e dois da diocese que aqui fizeram todos os estudos; no segundo periodo, 1877 a 1888, temos dezenove presbyteros, dois do reino, um que aqui concluiu os estudos theologicos, e o outro fez todos os estudos, concluidos os quaes se retirou sem prestar serviço á diocese. Os restantes eram, um da Madeira e 16 da diocese que aqui fizeram todos os estudos. No terceiro periodo, 1888 a 1899 temos quinze presbyteros, dois do reino que aqui concluíram os estudos theologicos, outro que aqui fez todos os estudos, havendo mais um subdiacono do reino, que aqui estudou preparatorios e o primeiro anno theologico, um diacono e dois subdiaconos da diocese, elevando-se a 50 os que se ordenaram de presbytero e receberam a ordem de diacono e subdiacono, ou sejam 16 do reino e 34 da diocese. Ha, portanto uma grande baixa, em numero de 7 resultados negativos para 23 admissões de alumnos do reino e de mais de 50 resultados negativos para o numero de admissões de alumnos da diocese, dos quaes se ordenaram 31 presbyteros, devendo em pouco tempo, com ajuda de Deus, estar ordenados de presbytero mais tres, ou sejam 34 alumnos da diocese que tem recebido ordens sacras.

O grande numero das deserções deu-se desde 1866 a 1883, limitando-se a oito as que datam de 1889, d'entre alumnos da diocese, quatro dos quatro perderam a vocação logo que obtiveram estudos adeantados, sendo mandados retirar os outros quatro por conveniencia disciplinar.

Mas, se as baixas no ultimo periodo foram em proporção de menos de metade, comparadas com os periodos anteriores, subsistem as difficuldades na admissão, dadas as tão grandes contingencias que venho assignalando, o que tanto mais é para ponderar, quanto mais urgente é a necessidade de elevar o numero de freguezias, de 30 que são, n'esta provincia, a 40, pelo menos, considerado o presente estado de coisas, e dotar algumas com coadjutores.

(Conclue.)

## Voltarão os Frades?

AO CORRER DA PENNA

(Continuação)

**Não voltarão.**

**Recelos e Socco.**

**H**A individuos, que muito receiam, que voltem os frades.

Uns receiam pelo proprio interesse, julgando, que teriam de restituir aos conventos os bens, que estão possuindo e que ás ordens religiosas pertenceram.

Outros entendem, que as ordens religiosas poderão roubar-lhes a liberdade, que *felizmente gosam*.

Alguns fallam sem conhecimento de causa e entendem, que devem ir com as ideias da epocha.

Não faltam individuos, que receiam, que tal restauração offenderia a memoria dos que promoveram a expulsão dos frades e dos que mais applaudiram aquella medida e ainda hoje a defendem.

Tambem não faltam individuos tão desorientados, que entendem, que, se os frades voltassem, estes roubariam tudo, levariam mulheres, filhas, irmãs e esposas, primas e sobrinhas de todos os cidadãos, de modo que, dentro em pouco, os frades estariam senhores de todo o Portugal e de todas as pessoas do sexo feminino.

\*

Não crêmos, que houvesse de acontecer o que apregoam os falsos amigos da liberdade nem os individuos, que são tão medrosos e timoratos, que receiam, que alguns centos ou milhares de frades possam influir nos destinos geraes do paiz.

Se um ou outro convento podia influir nos destinos politicos de uma localidade, no mesmo caso se podem considerar muitas familias, em cujas mãos estão os destinos das terras, onde vivem.

Se as ordens religiosas houvessem de restaurar-se, haviam de sujeitar-se ás leis vigentes; haviam de viver dentro dos limites, que lhes permittissem as leis, que as auctorisassem.

E, quando saíssem d'esses limites,

poderia bem applicar-se-lhes o — *Nós legem habemus.*

Essas ordens podiam ser uteis, tanto aos governos, como em geral a todo o paiz. E teriam a vantagem de darem arrumação a muitos individuos, evitando assim o excesso no functionalismo, que é entre nós uma calamidade e onde quasi todos os individuos são mais mandriões, do que eram os frades.

Se, porém, estes não podem ser tão uteis, como entendemos, também não seriam tão prejudiciaes, como apregoam os seus inimigos e os individuos, que não tem conhecimento da materia.

As ordens religiosas entre nós podiam ser associações, como são, as associações litterarias, as recreativas, as commerciaes, as agricolas ou quaesquer outras.

E se ha liberdade para estas, em conformidade com as leis vigentes, por que não haverá liberdade para as ordens religiosas em conformidade com as mesmas leis?

E é preciso, que um cidadão tenha muito pouco tino, muita ignorancia ou muito más intenções, para suppôr, que os frades haviam de ter tanto dinheiro; que dentro em pouco ficassem senhores de todos os terrenos de Portugal ou que tivessem tanta esperteza, que os adquirissem por heranças e por doações, especialmente, sem que umas e outras ficassem sujeitas ao cumprimento de obrigações religiosas, como acontecia nos conventos, que em 1834 foram extinctos, e como acontecia nos conventos de freiras, e que pela morte d'estas tem ido acabando paulatinamente.

O que receiam e que mais querem os falsos amigos da liberdade e amigos verdadeiros do proprio interesse?

Estão ricos? Os frades não viriam roubar-lhes as riquezas.

Obtiveram empregos? Os frades não irão disputar-lh'os?

Gostam de divertir-se e de frequentar os theatros e outros espectaculos publicos?

Os frades não lhes irão tirar os logares nem comprariam todos os bilhetes de entrada para taes espectaculos.

Desejam frequentar os cafés, as orgias, os jogos e as casas de mulheres, cuja vergonha está perdida?

Poderão fazel-o muito embora, sem pedirem licença aos frades, e sem que estes lhes estorvem os seus planos.

Podiam os frades prégar contra esses e contra outros abusos, ferindo assim as consciencias de tão benemeritos e virtuosos cidadãos?

Ninguem obrigaría os livres pensa-

dores e os amantes da liberdade illimitada a irem ouvir os sermões dos frades.

Já se vê, pois, que entre nós os frades podiam viver como vivem quaesquer individuos e como vivem nos paizes verdadeiramente livres, e até n'aquelles, onde ha a liberdade de cultos.

O receio, que mostram certos individuos, de que lhes roubem as pessoas do sexo feminino, para ficarem sendo amasias dos mesmos frades, pode provar uma ou ambas estas coisas: ou muitas pretensões dos receosos, em quererem fazer acreditar, que não ha mulheres mais bellas, mais sympathicas, mais encantadoras, do que as das suas familias e que por isso nada mais facil do que os frades apaixonarem-se por ellas; ou que ellas são tão leviannas, tão ventoinhas, tão inclinadas a portarem-se indignamente, tão frageis e tão lebidinosas, que facilmente se deixam seduzir e de prompto fogem com os primeiros ou quaesquer frades, que lhes appareçam, a quem se confessem ou a quem ouçam prégar! E portanto, também fugiriam com outros individuos, que para isso as convidassem.

E' aonde podem chegar as *inculcas* d'elles e as leviandades d'ellas!

E para mostrarem, que ha esse receio, basta saber-se, que logo chegam uns missionarios ou um prégador mais afamado a qualquer terra, já se grita, que estão ali jesuitas, que levam já o dinheiro todo, e quantas mulheres formosas existam na localidade.

Não admiramos, que a má fé e a ignorancia levem os falsos amigos da liberdade e os falsos zelosos da honra de suas familias a defenderem taes asserções e a apregoarem taes principios.

As causas, que a isso os impellem, são as mesmas, que os levam a confundirem os lazaristas com os jesuitas, chamando-os indistinctamente e confundindo estas classes de regulares com todas as outras e até com quaesquer clerigos, que nunca foram frades e nem por visita tivessem entrado em qualquer convento nacional ou estrangeiro.

Apesar do que expozemos e de toda a possibilidade de uma restauração monastica, pois nada ha impossivel em casos taes, como este, sempre nos atrevemos a dizer aos *portuguezes timoratos*, que podem dormir com socego, comer, beber, divertir-se, gosar e melhorar as propriedades, que eram dos frades e de que hoje estão de posse.

Os frades não tornam, em Portugal.

Dos conventos, uns desapareceram; outros estão occupados por familias de

diversas castas e origens; alguns são hoje repartições publicas; não poucos são ruinas e habitações de aves de rapina, mas menos rapinantes do que os inimigos dos frades; e não deixam de haver edificios, d'esses, que são hoje collegios de prostituição.

Poucos se encontram em circumstancias de serem aproveitados para habitações propriamente monasticas.

Verificou-se o desejo dos grandes *Catóes*, que, gritando contra os frades, diziam: *Tirem-lhes os vinhos!*

Dos chamados *egressos* já poucas dezenas restam.

E esses, velhos, desgostosos, doentes e desenganados e também receosos, não se recolheriam novamente aos claustros, ainda que para isso as leis lhes dessem concessão e facil ensejo.

Ha muito, costumados a um outro viver, já não se sujeitariam, como outr'ora, aos deveres claustraes, nem ás obediencias e disciplinas, que os institutos lhes imporiam.

Muito menos a tudo isso se sujeitariam os mancebos, que as familias destinassem ao estado ecclesiastico.

Elles já não obedecem aos paes nem aos tutores.

Proclamam, como fazem certos jornalistas, que o tempo é de liberdade e que pode cada um fazer o que melhor lhe convenha.

Não seria facil o convencer os a abandonarem o seculo; os prazeres, que elle offerece; as distracções, que amam e as commodidades, que procuram.

Tudo tem suas epochas. A dos frades entre nós acabou, como acabaram muitas outras coisas, que poderiam conservar-se e melhorar-se, sem offuscarem as luzes de um progresso bem entendido e methodico.

Em Portugal tudo irá assim caminhando, até que um dia ou um facto extraordinario traga remedio a tantos males, ou nos afundemos n'um abysmo, para onde nos vae levando a immoralidade de uns e o pouco brio de quasi todos os que vivem n'este paiz malfadado.

UM CATHOLICO.

## SECÇÃO CRITICA

### Socialismo, christianismo e catholicismo

Um analphabeto hoje parece um fíguro, um snicio que não quer senão atormentar-nos e perseguir-nos. Está em maioria, e mais nada. Para elles todos, ricos, doutores, padres, egrejas, tudo é riqueza; só elles estam desgra-

çados, como elles dizem para nós. Como são insensatos em perderem uns momentos de felicidade tam pouco desprezíveis!

Estúpida blasphemia é o dizerem que desprezam o paraizo, não cumprindo seu dever, não sendo fieis a Deus, não julgando equitativamente. A morte conduz-nos a Jesus, reanima nossa já caçada peregrinação na terra e mostra nos o céo; mas o peor é o ajuste de contas, que o supremo Juiz ha de apurar de nós.

Estamos n'uma epocha de retrocesso: é-nos preciso ter religião, base da civilisação, d'onde a fortuna do povo dimana. Não ha quem não tenha devoção; mas em primeiro logar está nossa obrigação. E' nos absolutamente preciso revigorar na meditação e na oração de cada um de nossos dias.

Aquella pessoa que se convencer de que se pode *habitualmente* «abandonar Deus, a fim de melhor amar-se a Deus» á sua custa ha de um dia conhecer, que por tal systema se perde o gosto de amar o proprio Deus, e se ha de familiarisar com as cousas mesmo santas, e se tornará incapaz de se concentrar em si mesmo, de vigiar sobre si, deixando passar certas faltas em si, e sem as censurar, e, finalmente, se fazendo um rude peccado.

Nós menos queremos o Deus das consolações que as consolações do proprio Deus, que nos consola em tudo. Pio IX, de saudosissima recordação, disse pouco antes de fallecer: sómente o bondosissimo Deus me não incommoda. Os analfabetos, pelo menos, incommodam horrivelmente. Faltava-me só agora uma taberna de vinho baratissimo ao pé da minha casa para eu me desenganar melhor d'aquillo que vou affirmando. Tudo assim vae! Pobre humanidade, como se desconjuncta!

Canta tu agora lá, babão, diz um menos ebrio a outro que o não parece, de modo algum, estar menos. Umas conversas assim, e tantas, e que parece que nunca se acabam, fallando todos a um tempo: será isto que se chama vulgarmente o inferno em vida? E o vinho cada vez mais barato! Chama-se a isto liberdade socialista, e doce liberdade! mas não tem liberdade bebedo algum. E' bem verdade que muitos fazem-se bebedos para insultarem... mas assim estam sem liberdade tambem. Vae-se beber o vinho todo, quasi d'este modo. Não haverá outro remedio.

Como se consente ás pobres creanças que levem para casa tudo, seja o que fôr, tambem se acostumam a beber vinho desde que nascem: a patria está salva! que venham os estrangeiros buscar vinho, que o não hão de

achar: portanto, venha mais vinho, como dizem os nossos operarios.

Mas não dizem: trabalhemos de graça, trabalhemos pelo vinho,... Dinheiro e vinho, servir a quem lhes dêr mais, eis tudo para elles.

E não imaginam: se o proprietario não tiver, como ha de pagar aos operarios?

Vale quem tem, diz o proloquio,... e aqui estamos nós com dois gallos em um poleiro, um rico e outro pobre, no partido conservador, ignorando qual d'elles é o melhor.

Quem não fôr sério não póde medrar no bem.

Não se rir por fóra, e rir-se por dentro é não ter um espirito sério.

Embora não se dê a ninguem objecto algum, sempre vale quem tem.

Antes um homem ser pouco franco de que ser franco á custa d'outrem.

Quem é bom para si póde ser bom para outrem; quem o não é para si, o que ha de ser para outrem? um desgraçado.

Mau governo temos nós. Isso temos. E' verdade; o peor é que um governo mau é incapaz de fazer um bom cidadão. Pois: elle não toma conselho em seus actos; e o conselho é na ordem natural a verdadeira providencia: não providencia contra verdadeira desgraça. «A Religião do Reino» é um dever sagrado;—que acautelar dos mandamentos dos homens é uma equidade.

O' Deus, nós Vos rogamos, ouvi-nos, Vos digneis conservar o muito feliz Pontifice nosso, e as Ordens ecclesiasticas em santa religião.

Aonde não ha ordem tudo é desordem. E aquelle que trabalha segundo a ordem faz muito, e bem; porque trabalha sabiamente: de maneira proveitosa. Sua vida é doce, porque tem a consciencia de bem fazer, e seu tempo é bem occupado, porque não lhe ficam intervallos, em que se possa enfastiar. Nem cançar nem descançar, é aquillo que nós dizemos e fazemos; o peor é que, por fim, havemos de arrear, e não poder mais.

Foi em 1839 que se formou a lei vulgo das congruas, que melhor fôra dizer incongruas, porque desmoralisam tudo. Em 1841 a lei travessa que adoramos, como de cocaras, diz-nos: Art. 4.º Os ultimos arbitramentos feitos pelas respectivas juntas durarão em quanto por lei geral não for regulada a dotação do clero.

Nem a tal congrua de 1841 é paga! Quanto mais representarmos ao governo menos fazemos. A culpa não é dos governos; é d'aquelles que ainda esperam alguma cousa de seus inimigos. Estes apenas reconhecem para com os parochos o dever e a obrigação de os verearem, opprimirem e massacrarem.

Se mais esperamos nada fazemos. E o que se poderá esperar de um rei inimigo?

Já foi em 1856... Uns chançante d'então fizeram taes resistencias ao seu parcho, então collado tambem com sua povoaçãozinha, que se viu obrigado a desistir, elle mesmo, d'ella, e de que tinha pago seus direitos. Hoje os respectivos parochos hão de pagar seus direitos, mas não hão de collar se com tal povoaçãozinha! Nós que somos collados, ponhamos aqui os nossos olhos. Então varias povoaçõeszinhas mandaram fazer as pias baptismaes. Os parochos reagiram. Porque não havemos de resistir quando nos vierem com exigencias... temiveis? Fizeram-se mal as congruas em 1839; em 1841 ficaram em bastante peor estado! Ainda em 1839 havia boa fé, apesar e pouco depois de passada uma revolução. Hoje, o que ha? Mais que nunca um odio inveterado contra o padre que trabalha, ou alguma cousa faz. Quem nada faz não tem inimigo algum: não trabalhar, portanto. Se trabalhar, alguma cousa terei; aliás: nada ter.

Diz-se que o céo não se fez para os descuidados: presentemente quem se descuida está perdido.

(Continua).

A. S. FERREIRA.

## SECÇÃO HISTORICA

### Convento e freguezia de Mancellos

#### Extracto das Pastoraes e Provisões

Antes de continuar o extracto das pastoraes, direi duas palavras a respeito do arcebispo D. Frei Miguel da Madre de Deus, satisfazendo assim um amigo, distincto e sabio escriptor catholico, que a respeito d'elle me fez algumas perguntas.

D. Frei Miguel, 117.º arcebispo de Braga, nasceu em Moncorvo a 8 de maio de 1739; era Religioso Menor da Reformada Provincia da Conceição de Portugal, quando por D. Maria 1.ª foi nomeado bispo de S. Paulo, no Brazil.

Sagrado em Lisboa, renunciou o bispado, por conhecer que suas enfermidades o impediam de o administrar e retirou-se para Moncorvo.

Por fallecimento do arcebispo D. José da Costa Torres, em agosto de 1813, e tendo setenta e quatro annos de idade, foi pelo Cabido eleito Vigario Capitular, e em março de 1814, nomeado arcebispo pelo Principe Regente.

Em 5 de Dezembro de 1815 fez a entrada solemne, revestindo este acto



### O Sacrificio de Abrahão

uma grandeza e solemnidade desusadas.

A sua idade de setenta e seis annos e as molestias habituaes inhabilitaram-no de bem administrar a diocese, o que sem isso poderia fazer, pois tinha boa e especial capacidade para o governo.

Pediu e foi-lhe concedido para Coadjutor o Reitor do Seminario, Provisor e Chantre da Sé, João José Vaz, que teve o titulo de Bispo de Carrhes.

Em 13 de março de 1823, foi por ordem do governo constitucional, prezo, quasi arrebatado á força do proprio leito, e conduzido, no meio de uma escolta de cavallaria, para o Bussaco, on-

de chegou, ao cabo de dez dias de penosa marcha.

Foi prohibido á cidade manifestar seu desgosto e sentimento; e os habitantes dos logares, por onde passava, eram obrigados a meterem-se dentro de suas cazas e fecharem portas e janellas!...

Já se vê que a *aurora da liberdade* em Portugal, raiou sob auspicios animadores!

Nem patentear sentimento pela violencia feita a um velho venerando e doente era permittido!...

E a *menina* que veio depois, e hoje está uma velhustra cachetica, tem-se mostrado digna representante de taes ascendentes...

E' ver o que vae por esse Portugal fora!...

Depois de dous mezes e meio de reclusão no convento, foi posto em liberdade, sahindo a 8 de Junho, em direcção a Braga, onde chegou a 17, sendo recebido com o mais vivo enthusiasmo e no meio das mais festivas acclamações das pessoas gradas e do povo.

Ainda durou alguns annos, mas viveu quasi como morto, e morreu a 20 de agosto de 1827, tendo mais de oitenta e oito annos de idade e quasi doze de arcebispo.

Diz o meu amigo que leu uma celebre Pastoral d'este Prelado, datada de 1827, em que elogiava a Carta Constitucional e dizia raios e coriscos dos

que proclamavam as leis de Lamego.

Se esta Pastoral foi archivada nesta freguezia, desapareceu com as folhas arrancadas ao livro.

No de Travanca não foi registada.

O que parece poder afirmar-se é que essa Pastoral, embora publicada com o seu nome, não é obra do Prelado, a quem o estado valetudinario, que se aggravava sensivelmente com os annos, tornara inhabil para todo e qualquer serviço.

O juizo que faço deste Prelado, é que era dotado de intenções rectas; mas, cansado de annos, de trabalhos e enfermidades, como se diz na Pastoral de 18 de Junho de 1826, annunciando Jubileu; e, não podendo attender á administração da sua vasta diocese, se deixava levar á mercê da vontade dos que o rodeavam.

Por morte do Arcebispo, foi eleito Vigario Capitular Manuel de Ramos de Sá, Chantre na Sé Primacial.

Em Agosto de 1831 era Vigario Capitular D. Antonio Alexandre da Cunha Reis da Motta Godinho, Deão da Sé, segundo leio nos Capitulos da visita desse anno, archivado, no livro de Travanca.

Em Junho de 1834 era Governador Temporal por sua Magestade Imperial e Vigario Capitular do arcebispado, *Sede vacante*, o Dr. Manuel Pires d'Azevedo Loureiro, Prior de Santo André, de Lisboa.

Nas Pastoraes não se diz eleito pelo Cabido, o que me faz crêr que foi um intruso, nomeado pelo Regente.

Este Vigario Capitular tinha um irmão Dr. Antonio Pires d'Azevedo Loureiro, que foi nomeado Desembargador e Provisor do Arcebispado, e na ausencia do mano, governou interinamente a diocese.

Em 30 de Janeiro de 1837, era Vigario Capitular Manuel Ignacio de Mattos Souza Cardoso, Thesoureiro Mór na Sé Primaz, pelo Ill.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Cabido, Sede Vacante.

Em uma Circular d'aquella data, assigna-se Manuel Ignacio, Vigario Capitular, mas tambem não diz se foi eleito pelo Cabido.

Em 1838, o Bispo de Coimbra, D. Joaquim de Nazareth, que se achava homisiado, dizendo-se o mais antigo Suffraganeo da Sé Metropolitana Bracharense, nomeou para Vigario Capitular o Padre Antonio Pereira, da extincta Congregação do Oratorio, até que a Sé Apostolica desse mais opportuna providencia.

Recorreu o nomeado á Santa Sé, pedindo que fosse confirmada a sua nomeação; e pela Secretaria da Congregação dos Negocios Ecclesiasticos lhe foi dirigido um documento, datado

de 27 de abril de 1839, assignado pelo Secretario João Brunelli, pelo qual se dá por confirmada a mencionada nomeação.

O Padre Antonio Pereira, confessando e reconhecendo, que: «a sua plena e ommimoda resignação á vontade de Sua Magestade, como legitima Soberana deste Reino, lhe não permittia exercer as funcções espirituaes que, por aquelle titulo, lhe eram commettidas, sem precedencia do Beneplacito da mesma Augusta Soberana» rogou ao Administrador Geral do districto, que assim fizesse subir aos pés do throno esta franca exposição de seus sentimentos.

Alguns ecclesiasticos recusaram obedecer ao Vigario antigo, allegando que tinham obedecido ao mesmo Vigario, emquanto a sua legitimidade era só duvidosa; mas depois da nomeação e confirmação do Padre Antonio Pereira, não podiam em consciencia obedecer ao antigo, por só este julgarem legitimo.

O ministro Antonio Bernardo da Costa Cabral, mandou compor o compoz um discurso, em que se mostram os motivos, que Sua Magestade teve para não conceder o Real Exequatur á chamada Bulla de confirmação.

Destes enviou alguns exemplares ao Administrador Geral do districto de Braga, mandando-lhe que chamasse *civilmente* á sua presença o dito Padre Antonio Pereira, lhe entregasse um dos exemplares, e lhe dissesse nessa occasião: Que Sua Magestade está Convencido, e Espera que as luzes e prohibidade, de que elle Antonio Pereira é notoriamente dotado, lhe terá feito reconhecer a illegalidade e incongruencia d'aquella sua nomeação; que consequentemente muito pôde elle cooperar para pôr termo á divisão e discordia funesta, que se tem manifestado na diocese primaz, e que é sem duvida mais nociva ao bem publico, do Estado e da Igreja do que qualquer outro mal, que se possa seguir cu reear da continuação do Governo de actual Vigario Capitular da mesma diocese, eleito pelo Cabido, e approvado por Sua Magestade: e que, em vista destas importantes considerações, Confia Sua Magestade em que o mesmo Padre Pereira, já pelos seus proprios actos, já pelas suas efficazes persuasões, trará os Ecclesiasticos dissidentes á obediencia, que devem, e á concordia que tanto se necessita, especialmente nos tempos de hoje, em materias de Religião; sendo bem obvios os perigosissimos resultados, que podem seguir-se dessa falta de união entre Christãos que, como Portuguezes, primaram sempre na fiel observancia da Santa Lei de Jesus Christo, e no respeito e acatamento aos seus Ministros.»

Affirma-se, como se vê, neste Portaria, que o Vigario Capitular fôra eleito pelo Cabido; e no Discurso affirma-se egualmente que, estando a Igreja de Braga regida ha mais de cinco annos, por Vigarios Capitulares nomeados pelo Cabido, reconhecidos pelo Governo, obedecidos pelos povos da diocese, e consentidos ou não impugnados pelo Suffraganeo mais antigo da Provincia, que então era vivo, e o foi por muito tempo (o Bispo de Aveiro) não podia agora o Bispo de Coimbra, nem outro qualquer, proceder de facto a uma nova, intempestiva e tardia nomeação, sem primeiro pôr em duvida, discutir e julgar competentemente, e com audiencia das partes interessadas, a supposta ou presumida nullidade da nomeação do Vigario Capitular, ou a incapacidade e irregularidade canonica do nomeado.»

Fosse tudo isto muito embora verdade, é certo que muitos julgavam nullas, ou pelo menos muito duvidosas, as nomeações dos Vigarios Capitulares desde 1834. E ao Padre Antonio Pereira continuaram alguns padres a reconhecerem o como verdadeiro Prelado da diocese, do que se seguiu um scisma, que só terminou com a confirmação do Arcebispo D. Pedro Paulo, apresentado em 15 de Janeiro de 1840 e confirmado a 3 d'abril de 1843.

O discurso de que fallo, foi impresso em 1839. E' um documento curioso para a historia da Igreja portugueza, n'aquelles revoltos tempos.

*Continúa.*

PADRE JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

### Imitação de Christo

**O** Sr. José Fructuoso da Fonseca, incansavel e benemerito editor catholico, vem de lançar no mercado mais um precioso livro de piedade, unico no seu genero, como diz Larousse: o livro mais bello, que tem sahido da mão de um homem, porque o Evangelho é obra divina, como diz Fontenelle: um dos mais excellentes livros, que tem sido publicados, e feliz aquelle que se não contenta só de admirar-o, mas põe em pratica o que elle ensina, como diz Leibnitz: um livro que, de todas quantas paginas contem, só exhala piedade e paz, segundo o consenso unanime de todos os varões doutos e piedosos, como diz o prefaciador da edição latina de 1773.

E' a *Imitação de Christo*.

Um livro que, ha tantos seculos, é todavia sempre novo e reproduzido em todas as linguas, em successivas edições, é sempre procurado com interesse, e lido com amor.

Apresenta-se esta edição agradável e captivante á vista e ao coração.

Á vista pelo bom papel, impressão nitida, e mimosas gravuras, em varias cores, com que está adornada...

Ao coração, porque ao texto, já de si tão suave e consolador, juntou o illustre e sabio Rev.<sup>o</sup> Snr. Padre Manuel Marinho, escriptor que conheço ha vinte e seis annos, da *Semana Religiosa Brachareense*, algumas notas elucidativas, impregnadas de unção e piedade, que muito realçam esta primorosa edição.

Mas qual o motivo, porque o illusterradissimo annotador não levou a sua obra alem do capitulo XLI do livro III?

Talvez as suas muitas occupações lh'o impedissem.

Todavia isto não pode ficar assim. Vá Sua Rev.<sup>ma</sup> trabalhando; e como esta edição deve em breve estar esgotada, publique-se outra com notas a todos os capitulos. E' preciso que assim seja... Mereceu esta edição um parecer honrosissimo do Ex.<sup>mo</sup> Rev.<sup>mo</sup> Snr. Doutor Vigario Geral, e a approvação do nosso amantissimo Prelado.

Sirva isto e a extracção que o livro tem tido, de incentivo ao Snr. Padre Marinho, para concluir suas annotações, associando assim a toda a sublime obra de Kempis, esses bocadinhos d'ouro da sua penna inspirada, que bem dignos são de figurar em tão boa companhia.

JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.  
Abbate de Mancellos.

## SECÇÃO LITTERARIA

### Deus

No tão vasto firmamento,  
Livro aberto ao pensamento  
Do homem nos Coos,  
E' cada estrella uma lettra  
Onde todo o homem solettra  
**Grande só Deus!!**

O sol e estrellas brilhantes  
Sagradas luzes, distantes,  
Que nos mostrou,  
São admiraveis mysterios,  
Longinuos mundos aerios,  
Que Deus creou!

### II

Grandes corpos celestes, immensos,  
Descrevendo uma curva, suspensos,  
No espaço infinito,  
Mas seguindo as leis da Natureza,  
Bem demonstram do Eterno a grandeza,  
No giro descripto!

Na voz magestosa da procella  
A rugir, medonha se revella,  
O Supremo Ser...  
Como, apoz calor, a brisa fresca  
Prova 'nessa aragem, que refresca,  
O excelso poder.

### III

A immensa vastidão d'immensas aguas,  
Vivenda moveidica dos **cetáceos**  
Em guerra sempre aberta contra as fráguas,  
Refugio dos **molluscos e crustáceos**  
Demonstra na bonança ou tempestade  
A sciencia, a força infinda, a Divindade!

Percorrendo o Glóbo, de pólo a pólo  
No frio mais intenso, ou no calor,  
A planta vive d'ar, suga do sólo  
Sustento, que lhe dá força e vigor,  
Provando na estrutura appropriada  
O clima, a que por Deus foi destinada!

Do cedro gigantesco, rei das plantas,  
A escala percorrendo aos vegetaes  
Tamanhas maravilhas vejo, e tantas  
Que nem póde a razão conceber mais!  
E tudo prova á nescia humanidade  
A sciencia omnipotente, a Divindade!

E assim no *parenchyma*, nas *nervuras*  
No *alburno*, no *lenhoso*, e mais tecidos  
Na grande perfeição d'essas *texturas*,  
Na *andróceo*, e no  *pistillo* protegidos  
Por o *calix* e a *corolla* da flôr,  
Se vê saber eximio... o Creador!!

Mesmo a *cryptogamica* è maravilha...  
Tem tudo o que precisa, e quanto basta;  
E', como o cedro annoso, de Deus filha,  
Nem sabe a Providencia ser madrastra!  
Nos órgãos tão perfeita, e nos systemas,  
Que em tudo satisfaz ás leis suprêmas!

Conservar a sua especie, e o individuo,  
São dois fins que o animal tem de cumprir;  
E a fim de cada sexo ser assíduo  
A alguns a Natureza faz unir  
Em épocas marcadas só por ella,  
Procurando a femea o macho, e este áquella!

No grupo d'animaes *invertebrados*,  
Figura ser mais simples o organismo,  
De muitos dos *zoophylos raiados*,  
Que vivem vida fixa, em fundo abysmo,  
Cumprindo, apozar d'isso, os dois preceitos...  
E embora, o não pareça, são perfeitos!

Dos *molluscos* e *annelados* as *classes*  
Satisfazem aos fins, como os demais!  
E alguns mostram até uns taes enlaces,  
Que nem parece amor d'irracionaes...  
Seja isto instinto, ou seja intelligencia  
Que importa, se é do Céu a procedencia?!

Os órgãos, aparelhos e systemas,  
Exercendo as funcções prudentemente,  
São outros tantos sagrados Poemas,  
Escriptos por a mão do Omnipotente  
No livro do organismo e a euja lida  
Um nome damos só... chamamos «**Vida**»

Só podem contestar **energumênos**  
A sabia perfeição, divino senso!!!  
Não ha órgãos superfluos, nem de menos,  
A's plantas presidiu saber immenso...  
Aqui, o mecanismo é mais complexo,  
Mas sempre conservando o mesmo nexo!

Ao homem, que na escala é um ponto extremo,  
Concedeu de si mesmo uma parcella...  
Mas foi pródigo até o ente supremo,  
Por ser das facultades a mais bella,  
Que 'nalma se contém, a razão pura  
Ligando ao Creador a creatura!!!

Ao humano raciocinio tudo falla,  
Os astros, vegetaes, aguas do mar,  
E até dos animaes a grande escala  
Vem justos á razão «**de Deus fallar**»  
Mas thema tão sublime nunca abraça...  
No abysmo se despenha... além não passa!

O pensamento estáca, e fica mudo!  
Não chega ante o divino a sua alçada!  
Em tudo a ranção lê **Só Deus é tudo!**  
O homem perante Deus, é sempre nada!!!  
E por muito que a razão do homem ande...  
Exhausta, pára e diz: **Só Deus é grande!**  
A.

## Crentes e descrentes

Romance de propaganda religiosa

### IV

#### Um duplo criminoso

(Continuado de pag. 119)

—Bem,—disse o guarda;—já que os camaradas appareceram, levem esse individuo para o quartel do Carmo, ás ordens do snr. Commissario de policia.

—Ha-de acompanhar-nos tambem vocemecê, e este sujeito que acompanha o preso—respondeu o soldado que fazia de *arvorado*.

—Eu não posso acompanhá-los, respondeu o guarda, porque vou fazer mais prisões.

—Pois n'esse caso, não tomamos conta do preso—respondeu o mais graduado dos dois soldados. Não vimos desordem alguma, nem queremos saber d'ordens particulares. Ou veem todos, ou não acompanhamos ninguém.

—Teem razão—respondeu o guarda policial. Eu tambem os acompanho. Mostro depois a ordem de prisão ao capitão d'inspecção.

E seguiram todos em direcção ao largo da Trindade. Dentro em pouco, tomando pelas ruas da Conceição e das Oliveiras e praça de Carlos Alberto, entravam no quartel da guarda municipal.

Chegados á sala da inspecção, entrou o guarda, e apresentou ao capitão um documento escripto.

Em seguida chamou o capitão os dois soldados, que receberam ordem de metter o preso no calabouço, retirando-se os outros (guarda e amigo do preso) para fóra do quartel.

Mal chegaram em frente da igreja do Carmo, era meia noite.

Para o quartel recolhiam diversas patrulhas, tanto de infantaria, como de cavallaria.

O amigo do preso approximou-se do guarda, que lhe havia tomado a dianteira, e tratou de lhe dirigir a palavra.

— O' camarada — perguntou elle — será indiscripção perguntar-lhe porque razão ficou preso o meu amigo?

— Não lhe sei dizer, meu caro amigo. Recebi essa ordem, mas não sei os motivos que a determinaram.

— E' porque eu tinha sido convidado por elle para ir cear a sua casa, e fiquei surprehendido com a prisão.

E como o guarda nada respondesse, continuou:

— Elle tambem ficou; porque, sendo nós amigos de ha muitos annos, nada soube ácerca de tal prisão. E creia o camarada que se elle tivesse commettido alguma coisa por que merecesse ser preso, tinha-me contado tudo.

— Pois olhe, que se costuma contar-lhe as falcatrúas que faz, d'esta vez deixou-o a ver navios... porque, motivos para ser preso teve elle, e de sobejo.

— Ora essa! *falcatrúas!* o camarada veja como falla, porque eu sou amigo d'elle e muito capaz de o defender.

— Aposto que se insurge contra mim? — perguntou o guarda parando de repente e olhando fixamente para o seu interlocutor.

Iam então ambos em frente do theatro das Carmelitas.

— Longe d'isso, camarada. Eu disse isto, porque tenho o meu amigo na conta de homem serio.

— Então estava persuadido que eu, prendendo-o, tinha commettido alguma pouca vergonha?

— Não, senhor, não estava. Nada mais natural do que ter havido algum engano, que depois se desfaria. Não é o primeiro caso que succede. E, em quanto eu não souber os motivos, isso mesmo hei de julgar.

— Diga-me uma coisa. O meu amigo costuma acompanhar-o todas as noites?

— Acompanhal-o é um modo de fallar. Costumo estar com elle quasi todas as noites, isso sim.

— E hontem á noite, tambem esteve com elle?

— Hontem?

— Sim, hontem, tambem é outro modo de fallar. Já deu meia noite, logo estamos já no sabbado. Pergunto eu, se na quinta-feira á noite esteve tambem com o seu amigo?

— Na quinta-feira, eu lhe digo... devia estar. Ora deixe-me recordar. Estive sim senhor, estive com elle a jogar o *dominó* no café das Hortas.

— A que horas, lembra-se?

— Foi de tarde que o encontrei... e estive lá até de noite.

— E quando elle sahio, acompanhou-o até casa?

— Isso não, senhor. Acompanhei-o até ao cimo da rua de Santo Antonio. Segui depois para o jardim de S. La-

zaro, e elle ficou no largo da Batalha a conversar com um amigo.

— Muitissimo bem. E depois d'isso tornou a fallar com elle n'essa noite?

— N'essa noite, não. Mas fallei hoje, quero dizer: hontem, sexta-feira.

— E em que café esteve com elle?

— Isso agora parece uma especie de interrogatorio policial.

— Mas bem sabe que não é — respondeu o guarda. — Nós vamos simplesmente a conversar. E' para lhe mostrar que algum motivo teve o seu amigo para ser preso.

— Pois seja assim: n'esse caso, para ser verdadeiro, digo-lhe que não estive com elle em café nenhum. Como tinha sido convidado para cear em sua casa, fui procural-o, mas a mulher disse-me que ainda não tinha vindo de fóra. Sahi, em sua procura, e encontrei-o logo d'ahi a alguns passos no largo da Trindade. E vinha então com elle para casa, quando vimos o camarada parado á porta.

— Ah! então não tiveram tempo de conversar? Diga-me isso...

— Elle disse-me que viesse para casa, porque precisava de conversar commigo.

— Bem entendo. E como eu appareci, e depois de mim a patrulha que o levou para o Carmo, não teve tempo para lhe contar nada. Pois saiba, que se chegassem cinco minutos mais cedo, elle tinha entrado em casa, e estava-lhe contando agora coisas de veras interessantes...

— Assusta-me, camarada. Então assim foi grande o crime que elle commetteu?

— Não lhe posso dizer nada a esse respeito. Apenas lhe digo que, no caminho que vamos seguindo, lhe é facil saber alguma coisa.

— Mas, como?

— Nós vamos a chegar á rua de Santo Antonio. Suba-a; entre no café *Communa*, no largo da Batalha, e ainda lá encontrará alguém que o possa informar. E' o mais que lhe posso dizer. E boas noites, porque eu vou aqui á rua de D. Pedro, em serviço.

(*Continúa.*)

A. PEIXOTO DO AMARAL.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### O baptismo de Jesus-Christo

(Vid. pag. 135)

Todos sabem que foi no rio Jordão que o precursor de Jesus, andando a pregar a penitencia, e a dizer que elle não era digno de apertar as sandalias dos seus pés, encontrou um dia o Divino Mestre.

E S. João baptisou a Jesus Chris-

to, estando presente n'esse acto todas as Tres pessoas da Santissima Trindade, pois que o Filho estava presente feito homem, o Espirito Santo na figura d'uma branca pomba, e o Padre Eterno, na voz que então perceptivelmente pronunciou.

Tal é o assumpto da nossa primeira gravura d'este numero.

\* \* \*

### O Sacrificio de Abrahão

(Vid. pag. 141)

Um dia quiz o Senhor experimentar Abrahão, e para isso ordenou-lhe que levasse Isaac, seu filho unico á terra de Moriah, e ahi lh'o offerecesse em holocausto.

Abrahão cortou immediatamente lenha para o sacrificio e levou comsigo seu filho muito amado, como lhe fôra ordenado.

Levou seu proprio filho a lenha, e elle o fogo e o cutello.

— Fogo e lenha, temos nós — disse Isaac — falta nos, porém a victima.

— Deus a dará, meu filho.

E proseguiram no seu caminho.

Chegando ao logar designado, collocou o pae seu filho sobre a lenha, e preparava-se, depois de acceso o fogo, para levantar o cutello, quando um anjo do Senhor desceu do céu, e bradou: Abrahão, não descarregues o golpe! Conheço agora que temes a Deus, e não hesitaste em lhe sacrificares o teu filho unico!

E tendo apparecido um carneiro atraz d'elle, offereceu-o a Deus em holocausto, em vez de seu filho.

Depois Deus abençoou-o e prometeu multiplicar a sua geração, como as estrellas do céu, e as areias do mar.

## SECÇÃO NOTICIOSA

### Varias noticias

Foi nomeado governador civil do districto de Braga, o exc.<sup>mo</sup> snr. D. Thomaz d'Almeida Vilhena, genro do exc.<sup>mo</sup> snr. conde de Samodães, a quem damos, assim como ao agraciado, e a todo o districto os nossos mais cordeaes parabens.

— O snr. ministro do reino, deferindo um pedido dos reitores dos lyceos das ilhas adjacentes, mandou encerrar as aulas no dia 10, de forma que os exames fiquem concluidos por todo o mez de junho, afim de que os professores e estudantes possam assistir e tomar parte nas recepções feitas a suas magestades.

— Pediu a reforma o general de brigada snr. Pedro d'Alcantara Gomes, sendo promovido na respectiva vaga o

snr. coronel de engenharia Augusto Cesar Supico.

—Foi concedida licença á camara municipal do Funchal, para estabelecer e explorar nas ruas da cidade, um sistema de carris americanos. Já veio no *Diario do Governo* o aviso para o concurso pelo praso de 60 dias.

—El-rei Victor Manoel mandou ao nosso monarcha, com uma amavel dedicatória, os volumes agora publicados da obra monumental intitulada *As Campanhas do Principe Eugenio*.

—A junta central dos melhoramentos sanitarios, que funciona em Lisboa, junto ao ministerio das obras publicas mandou ao Porto o snr. engenheiro Sarrea Prado, afim de inquirir no proprio local, acerca d'uma representação da camara municipal d'esta cidade, pedindo o parecer da junta sobre as condições sanitarias om que se encontram as ilhas que aqui existem.

—A rainha de Italia deu á luz com muita felicidade uma princeza. Deve chamar-se a herdeira do throno, a dar credito ao que dizem os jornaes italianos, Yolanda Margarida.

—Deve haver em fins do proximo mez de julho um torneio nacional, realisado pelo Club de caçadores, havendo já para o premio que hade ser disputado em um dos concursos uma esplendida salva de prata, enviada por S. M. a rainha. El-rei tambem poz um valioso premio á disposição do Club, para ser disputado no mesmo torneio.

—Foi exonerado o snr. conselheiro João Arroyo do cargo de ministro e secretario dos negocios estrangeiros, e nomeado interinamente para essa pasta o snr. conselheiro Mattoso dos Santos.

—O snr. conselheiro Pimentel Pinto ministro da guerra foi nomeado membro do conselho d'estado, pela vaga que se deu por occasião do fallecimento do snr. general conde de S. Januario.

#### Diccionario Apologetico da Fé Catholica

Mais um fasciculo acaba de ser distribuido, o n.º 5, d'este importantissimo diccionario apologetico.

Terminou a letra A e já publica parte da B, e contem os seguintes artigos de abalisados escriptores:

*Apparições*, por J. Didiot.

*Arca da Alliança*, por J. M. A. Vacant.

*Atheismo*, idem.

*Atlantida*, por Hamard.

*Avesta*, por C. H.

*Babel*, *Balthasar*, *Bartholomeu*, por P. Guilleux.

*Bathybio*, por H.

Repetimos o que já temos dito, conscios de que prestamos um bom serviço: esta obra deve ser adquirida por todos os estudiosos, e por que erro

será que ella não figure na mais modesta estante.

O nome do auctor J. B. Jaugey, e do traductor rev. José Lopes Leite de Faria, são garantia segura do esplendido trabalho que o snr. Antonio Dourado se propoz editar.

E' autorisada pelo ex.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. D. Antonio Barroso, Bispo do Porto e dedicada ao clero portuguez.

Continua a assignar-se em casa do editor Antonio Dourado, Passeios da Graça, 41-1.º andar, e o seu preço é de 100 reis cada fasciculo de 48 paginas a duas columnas e em typo muito legivel.

#### Parabens

Acaba de ser approvedo plenamente, no exame do 4.º anno, que fez em Coimbra, perante o jury de direito, no nosso primeiro estabelecimento scientifico, o Exc.<sup>mo</sup> Snr. Armando Vieira de Castro, filho do nosso presadissimo amigo e activo e zelozo gerente da Companhia Carris de Ferro do Porto, o snr. José Ribeiro Vieira de Castro.

E' mais um florão para a sua gloriosa carreira litteraria, e d'aqui abraçamos cordealmente o intelligente academico, assim como o seu excellentissimo pae e extremoso irmão, o nosso tambem presado amigo, snr. Americo Vieira de Castro, intelligente e illustrado engenheiro da Companhia Carris de Ferro.

#### Encyclopedia portugueza illustrada

Recebemos o fasciculo 116 d'este excellento diccionario universal, publicado sob a direcção do snr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico Cirurgica do Porto.

Comprehende 518 artigos e 15 figuras (*Clavator a Clinton*). Entre os artigos principaes, cumpre notar *Clave* do snr. Ernesto Maia e *Clerigo* do snr. Firmino Pereira.

Continua a assignar-se este magnifico diccionario universal em todas as livrarias e no escriptorio da empreza Lemos & C.<sup>a</sup> successor, Largo de S. Domingos, 63-1.º. Em Lisboa, são correspondentes os snrs. Belem & C.<sup>a</sup>, Rua do Marechal Saldanha, 26.

#### Conhecimentos uteis

##### Para tornar o calçado impermeavel

Ha muitos meios d'obter este resultado tam importante para saude das pessoas e tam util á conservação do calçado; mas entre elles o mais proprio e não menos efficaz é o seguinte: Deitam-se dentro d'um tacho duas partes de cebo e uma de rezina, e põem-se ao fogo para que se derretam e misturem. Antes que esta pasta se es-

frie, esfrega-se com ella as botas ou sapatos, cuja impermeabilidade se deseja, não cessando a operação até que o couro, previamente aquecido para que não esfrie a pasta, deixe de absorvel a. Depois de bem seco o calçado, póde engraxar-se, como de costume.

*Para tirar as nodoes de tinta*—Faz-se um mixto de acido citrico e oxalico, em partes eguaes, muito bem pulverizadas. Se é n'um lenço que está a nodoa, deita-se sobre ella um pouco de pó dos dois indicados acidos, e em seguida algumas gotas d'agua. Repete-se depois a operação, até que a nodoa desappareça. Este methodo applica-se ás tintas em cuja composição entra o tanato de ferro, pois que para tirar as nodoes que são feitas com anilina, é necessario recorrer ao chlorêto.

#### A saude de Sua Santidade

Correu mundo a noticia de que Leão XIII estava muito mal, tendo tido uma syncope, etc. Sabe-se, porém, positivamente que foi falso esse boato. Sua Santidade está de excellente saude, tendo já ido habitar a sua residencia de verão, e tendo sido recebido todas as pessoas que lhe teem sollicitado audiencia.

Porque será que certos jornaes estão continuadamente a propalar noticias, com referencia á saude de Sua Santidade? Julgarão acaso que, fallecido o venerando ancião, baqueia a egreja catholica? Não, de certo. Elles bem sabem que, morrendo o Summo Pontifice, seria eleito outro, e a Egreja ficava como está, porque o Divino Mestre prometteu-lhe a sua assistencia até á consummação dos seculos. Em todo o caso entendem fazer uma pirraça aos catholicos. Manias jacobinas.

#### EXPEDIENTE

**Começamos a enviar para os nossos assignantes os saques para o pagamento da assinatura do «Progresso Catholico».**

**Como já prevenimos, os saques são feltos na importancia de 850 rs., sendo os 50 reis destinados ás despezas que fazemos com o correio. Pedimos aos nossos illustres assignantes o obsequio de satisfazerem com promptidão, pois que muito nos obsequiam com o prompto pagamento, visto que voltando de novo os recibos, occasionam-nos prejuizos que d'outra forma se evitavam.**

## José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887, Industrial de Lisboa de 1888 e Universal de Paris de 1889*

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrados; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias reaes Portuguezas.

## IMITAÇÃO DE CHRISTO

NOVISSIMA EDIÇÃO

*Confrontada com o texto latino e ampliada com algumas notas*

PELO

**P.º MANUEL MARINHO**

Approvada e indulgenciada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. ANTONIO Bispo do Porto

Parecer dado pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Conego Dr. Coelho da Silva:

Li attentamente esta nova edição da *Imitação de Christo*.

O que é a *Imitação de Christo*, um dos livros mais admiraveis, se não o mais útil e admiravel sahido das mãos do homem, não é para aqui dizel-o.

Quanto á nova traducção e notas, o nome do Rev.<sup>mo</sup> Padre Marinho é garantia segura de que esta obra é uma das mais perfeitas. Effectivamente a traducção foi confrontada com o texto latino, é fiel, concisa e intelligivel para todos.

As notas, que acompanhão os capitulos, são taes que algumas vezes parecem exceder o proprio texto, e pena é que se não estendessem a toda a obra.

Porto, 10 d'abril de 1901.

CONEGO COELHO DA SILVA.

APPROVAÇÃO

Em virtude do parecer favoravel, dado pelo Rev. Conego Dr. Coelho da Silva approvamos esta edição da «Imitação de Christo» e concedemos 40 dias d'indulgencias pela leitura de cada capitulo.

Porto e Paço Episcopal, 11 de Abril 1901.

† ANTONIO, Bispo do Porto.

PREÇOS

Em percalina . . . . .	300
Em carneira com as folhas brunidas a vermelho . . . . .	400
Em carneira com folhas-douradas . . . . .	500
Em chagrin-douradas . . . . .	900

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—rua da Picaria, 74—Porto.

## FORMULA DA CONSAGRAÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Preço de cada exemplar 10 rs.

LADAINHA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Preço de cada exemplar 10 rs.

*Com approvação da auctoridade ecclesiastica*

Faz-se grande desconto a quem comprar porção.

Vende-se na typographia catholica FONSECA—Rua da Picaria, 74—Porto.

## O LIVRO DE TODOS

POR

O Abbade J. Berthier, M. S.

VERTIDO DA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Preço: Broch., 600; enc., 700

## Coroa do Coração de Jesus

Compõe-se de cinco dezenas em honra das Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. Cento, 600; avulso, 10 reis.

## A VIDA DEPOIS DA MORTE

Preço 200 reis

A' venda nas principaes livrarias.

## GRANDE PROMESSA

Communhão das nove primeiras sexta-feiras de mezes consecvtivos. Preço de cada cento em cartão, 800; avulso 10 reis.

## Flores a S. José

Meditações para o seu Mez

OU

Qualquer tempo do anno

COM

*Exemplos apropriados, colloquios, etc.*

Extrahidas das Sagradas Escripturas, Santos Padres, doutores da Egreja e outros emirrentes auctores

E COORDENADAS POR

A. L. F.

*Obra approvada e indulgenciada*

Preço, enc. . . . 200

Pedidos ao Editor Catholico José Fructuoso da Fonseca—Rua da Picaria, 74—PORTO.

## A MÃE

SEGUNDO A VONTADE DE DEUS

OU

Deveres da Mãe Christã

PARA COM SEUS FILHOS

Vertido da 4.ª edição franceza a

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Prefaciado por varios escriptores catholicos. Preço 600 reis.

Forma de se ganhar com especialidade a singular Indulgencia da Porciuncula.

Um folheto broch., 50 reis.

Está á venda o primeiro volume

Luiz Gonzaga do Valle Coelho Pereira Cabral

## VIEIRA-PRÉGADOR

Estudo philosophico da eloquencia sagrada

Segundo a vida e as obras

DO

GRANDE ORADOR PORTUGUEZ

A obra constará de dois volumes em 8.º grande, que comprehenderão ao todo umas 1.000 paginas, nitidamente impressas em excellente papel asselinado (*typo elzevir.*)

O primeiro volume é illustrado com um primoroso retrato de Vieira (phototypia da casa BIEL) expressamente composto para esta obra pelo distincto professor de desenho historico da Academia Portuense de Bellas-Artes, o Ex.<sup>mo</sup> Snr. José de Brito.

O numero de exemplares d'esta obra é limitado.

Preço dos dois volumes:

Por assignaturas (*paga adiantada*). . . . . 15000 réis

Avulsos . . . . . 25000 réis

Assigna-se e vende-se em casa do editor José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74.

Os pedidos que não venham acompanhados da sua importancia não serão satisfeitos.